

PREFÁCIO - AÇÃO SÓCIO EDUCATIVA DOS JESUÍTAS E O COLÉGIO DE S. FIEL

A publicação dos textos reunidos neste volume assume uma relevância significativa neste ano de 2017, por duas razões, uma mais dramática e outra mais congratulatória: a primeira foi o devastador incêndio que reduziu a cinzas o velho edifício colegial de S. Fiel ocorrido no passado mês de agosto; a segunda é a celebração neste ano dos 115 anos de vida da revista *Brotéria*, que viu a luz do dia no antigo colégio de S. Fiel.

O histórico edifício do Colégio de São Fiel, em Louriçal do Campo, na Beira Baixa foi destruído pelas chamas de um incêndio no passado dia 15 de agosto de 2017, no meio da onda devastadora de fogos que têm assolado o nosso país com numerosas perdas de vidas humanas, de florestas e de edifícios. O antigo colégio jesuíta está integrado no programa *Revive*, lançado pelos ministérios das Finanças, Cultura e Economia, que prevê a concessão a privados de imóveis históricos degradados para que sejam recuperados, estando previsto afetar a quase totalidade da área do imóvel ao uso turístico. As chamas entraram no Colégio de São Fiel “ao final da tarde” do dia 15 e consumiram todo o interior do vasto edifício e da igreja¹. Fica assim reduzido a cinzas um edifício de grande valor para a história do ensino científico português e a incerteza do destino que aquelas ruínas poderão vir a conhecer.

¹ A propósito do incêndio do Colégio de São Fiel, foi publicado no dia 19 de agosto de 2017 no jornal digital *Observador* um interessante artigo da autoria de Carlos Maria Bobone, membro do conselho de redação da *Brotéria* intitulado “Os Jesuítas e São Fiel: a história de um colégio traído (e agora ardido).”

Por outro lado, podemos considerar que um dos sinais vitais que perpetua a fecunda, ainda que efémera, atividade científica do ensino jesuíta na Beira Baixa é a revista *Broteria*, que completa neste ano de 2017, cento e quinze anos de existência, sendo considerada a revista cultural portuguesa com maior longevidade. A revista *Brotéria* nascida em 1902 no seio das atividades pedagógicas e científicas desenvolvidas pelos professores do colégio de S. Fiel e é sem sombra de dúvida o garante da continuidade da ação dos padres jesuítas da desaparecida casa de educação beirão.

O protagonista do regresso dos jesuítas a Portugal, após as expulsões de 1759 e 1834, foi o português Carlos João Rademaker (1828/1885), entrado na Companhia de Jesus em Itália, em 1846. Tendo vindo para Portugal, foi encarregado de trabalhar em prol da restauração da Província Portuguesa. Em 1857 na rua de Buenos Aires, em Lisboa, numa casa que hoje faz esquina com a Travessa do Moinho de Vento, 42, abre aquilo que havia de ser um primeiro esboço de colégio. Como esta casa era demasiado pequena, compra na região de Campolide um edifício maior, que tinha uma ermida anexa e uma quinta em redor. Eram as casas nobres de Estêvão Pinto de Moraes Sarmiento, com a sua capela de Nossa Senhora da Penha e rodeada da chamada Quinta da Torre. Pertencia ao poeta João de Lemos (1819/1890) que foi a quem o Padre Rademaker a comprou. Dava-se assim início nesse ano de 1858 ao Colégio de Campolide, contando com a colaboração de mais dois jesuítas: o Ir. Martinho Rodrigues, sobrevivente da missão dos jesuítas franceses em Portugal, no breve reinado de D. Miguel, que adaptou as casas a um novo colégio e um irmão espanhol. O colégio foi inaugurado a 21 de Junho de 1858, na festa de S. Luís Gonzaga. Nos anos seguintes, foram-se juntando novos elementos, vindos principalmente de

Itália, e abriu-se o noviciado, no lugar do Barro, perto de Torres Vedras. Em setembro de 1863, constituiu-se oficialmente a Missão Portuguesa que teve como primeiro superior o italiano P. Francisco Xavier Fulconis.

No Outono de 1863, os jesuítas encarregaram-se do Orfanato de S. Fiel, em Lourçal do Campo, no sopé da Serra de Gardunha, na Beira Baixa, fundado por Frei Agostinho da Anunciação, franciscano egresso, dali natural, e diretor espiritual da Infanta D. Isabel Maria. Entregue à Companhia de Jesus, esta viria a transformá-lo num colégio de renome. Os jesuítas dadas as condições acanhadas da casa e a localização em local ermo e de clima rígido, aceitaram com relutância a direção do orfanato. Foram sete os seus reitores: o P. Salvador Cosentino, o P. Inácio Leva, o P. João Baptista de Antoni, o P. Luís Campo Santo, o P. José da Cruz Tavares, o P. António Cordeiro e o P. Joaquim da Silva Tavares (que viria a ser o fundador da revista *Brotéria* e seu diretor até 1931). Em 1871 foi fundada uma residência de ministérios na Covilhã, que teve como fundador o P. Nicolau Rodrigues.

Entretanto, no início de 1880, a Missão Portuguesa contava já nove comunidades com 137 jesuítas. Estavam reunidas as condições para que fosse restaurada a Província Portuguesa da Companhia de Jesus, o que veio a acontecer por decisão do P. Geral Pedro Beckx, por decreto de 25 de julho desse ano. Foi seu primeiro provincial da província restaurada o Padre Vicente Ficarelli.

Os dois colégios, Campolide e S. Fiel, além de importantes como estabelecimentos de ensino, tornaram-se também centros de intensa actividade científica.

Em S. Fiel, foi fundada em 1902 a revista *Brotéria*, assim denominada em homenagem ao célebre naturalista português Félix de Avelar Brotero (1744-1829). Eram os professores dos colégios que dirigiam a revista, publicando nas suas páginas artigos de investigação, com destaque para artigos cientes áreas da botânica, zoologia e ação científica. Entre esses sábios, são de recordar Joaquim da Silva Tavares, Cândido Mendes, Carlos Zimmermann, Afonso Luisier, Camilo Torrend e António de Oliveira Pinto. Outros nomes são dignos de referência pela acção apostólica que desenvolveram como o próprio Carlos João Rademaker, Bento Schettini, Luís Gonzaga Cabral, António de Menezes e Alexandre Castelo.

No Colégio de Campolide entre 1903 e 1908 os jesuítas fundaram a Academia de Letras de Maria SS.ma Imaculada e o Instituto de Ciências Naturais de Campolide. Vários professores eram colaboradores da *Brotéria Científica*, cuja sede era o Colégio de S. Fiel. Com muito sacrifício se foi montando a célebre biblioteca científica, vários laboratórios com instrumentos valiosos e foram-se organizando preciosas colecções de plantas e insectos. Em 1907 o Colégio de Campolide contava 290 alunos, 14 padres, 11 escolásticos e 16 irmãos.

Segundo Francisco Malta Romeiras², no século XIX, com o objetivo de recuperar o protagonismo científico dos séculos XVI e XVII, de que a Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão foi um expressivo exemplo a Companhia de Jesus pretendia que os seus membros e os seus alunos estudassem ciências naturais, nomeadamente nos colégios de Campolide e São Fiel. Este estudo baseava-se na investigação experimental, e deveria promover a

² Francisco Malta Romeiras, *Ciência, prestígio e devoção – Os Jesuítas e a Ciência em Portugal*(séculos XIX e XX), Lucerna, Cascais, 2015.

educação científica com base nos valores cristãos. Desta forma, e contrariando os sectores anticlericais e laicos da sociedade que se destacavam no estudo e divulgação das ciências, a ordem fundada por Inácio de Loiola e companheiros no seio da Universidade de Paris, pretendia esclarecer que religião e ciência não eram inconciliáveis, mas antes complementares.

No final do século XIX, a propaganda anticlerical via os Jesuítas como decadentes, manipuladores, prejudiciais à sociedade e inimigos do progresso. Uma vez que as investigações em Zoologia, Botânica e outras ciências naturais, levadas a cabo pelos professores jesuítas no Colégio de São Fiel se tinham tornado apreciadas pela comunidade científica portuguesa e com o objectivo de lhes dar maior projecção surgiu a necessidade de criar uma Revista de Ciências Naturais. Foi então fundada, em 1902, a revista *Brotéria - Sciencias Naturaes* no Colégio de São Fiel, pelos jesuítas Joaquim da Silva Tavares, Cândido Mendes e Carlos Zimmermann.

O interesse pelo estudo das ciências na Companhia de Jesus remonta também aos primórdios da fundação da Companhia de Jesus, pois já a *Ratio Studiorum* estabelecia que todos os escolásticos durante os seus estudos de filosofia deveriam estudar ciências exactas e ciências naturais.

No Colégio de São Fiel estudaram nomes ilustres como Egas Moniz, Cabral Moncada e Hintze Ribeiro. Egas Moniz refere-se no seu livro "A nossa casa" à educação científica do Colégio de São Fiel: "*No colégio, ao lado da exagerada vida religiosa que nos levava tempo e roubava actividade, havia uma boa educação humanista e científica que, só por estar sujeita a programas liceais, alguns deles pouco recomendáveis, não era mais perfeita. Devo a essa orientação muito do meu aproveitamento na carreira*

universitária. A disciplina mental a que obrigavam os alunos em ciências exactas e afins, era bem orientada. Aos exercícios físicos já dava o Colégio a sua atenção nesses remotos tempos. O equilíbrio entre orações, exercícios físicos e estudo, merecia ser melhor estabelecido; mas eu aproveitei com o ensino que me ministraram na matemática, física, química e ciências biológicas. Davam certo desenvolvimento à parte experimental, o que contrastava com a maior parte do ensino liceal desse tempo. O laboratório de química e o gabinete de física estavam suficientemente apetrechados e o ensino baseava-se em experiências sempre que isso era possível. Apraz-me deixar aqui exarado o meu depoimento imparcial."

Para além dos gabinetes de Física e Química, referidos por Egas Moniz, existia no Colégio de São Fiel um Observatório Astronómico e um Herbário com mais de 5000 espécies, como é indicado por Joaquim da Silva Tavares em artigo publicado na própria Brotéria: "*O Herbário do extinto Collégio de S. Fiel, Beira-Baixa, começou no curso lectivo de 1897-1898 por iniciativa o Prof. P. Carlos Zimmermann que continuou com diligência não vulgar as herborizações até ao anno escolar de 1903-04, em que embarcou para Inglaterra, em ordem a concluir o seu curso de theologia. O Herbário, quando em 1910 saíu das mãos dos seus organizadores e legítimos proprietários, compunha-se de 93 espécies de Líchenes portugueses; 627 espécies de Musgos, portugueses e estrangeiros, incluindo a "Bryotheca Europaea" e a "Flora exsiccata Bavarica"; 521 espécies de Fungos portugueses; cêrca de 3. 000 Diatomáceas, em que entrevam as collecções compradas a Tempère e Peragallo; 855 espécies e 106 subespécies e variedades de Phanerogâmicas portuguesas, a que se devem juntar 47 Phanerogâmicas estrangeiras. O número total das espécies de*

que se compunha o Herbário de S. Fiel elevava-se por tanto a 5.121 espécies e o número de exemplares (não de espécies) de Phanerogâmicas portuguesas ascendia a 1.311, assim distribuídas: 27 Pteridóphytas, 6 Gymnospérmicas, 231 Monocotyledóneas e 1.043 Dicotyledóneas. O trabalho ímprobo que supõe um herbário particular de mais de 5.000 espécies e o dinheiro que nelle se enterrou, deixo à consideração dos leitores, posto que nem todos sejam capazes de o avaliar.”

A 8 de Outubro de 1910, foram repostos os decretos do Marquês de Pombal e de Joaquim António de Aguiar que determinavam a expulsão dos Jesuítas de Portugal. Antes de seguirem para o exílio, os jesuítas ficaram presos em Lisboa: uns no Quartel de Artilharia Um, outros na prisão do Governo Civil, outros em Caxias e outros ainda no Limoeiro. Desta vez, o exílio não interrompe a sucessão dos provinciais, enquanto o governo da província e muitas casas continuam as suas atividades no estrangeiro.

A política do então provincial, o Padre Luís Gonzaga Cabral (1866/1939), após a expulsão de 1910, revestiu-se de uma dupla vertente: em primeiro lugar, conservar na Europa o núcleo central da província, no que se refere às casas de formação, residências e colégios para alunos portugueses; em segundo lugar abrir novas frentes noutros continentes, como foram o caso de Goa (que por se encontrar em território de administração inglesa, viu a sua missão reforçada) e no Brasil (com a fundação da missão do Brasil Setentrional, com sede na Baía).

Assim os jesuítas portugueses estiveram temporariamente na Holanda e na Bélgica (onde instalaram colégios e casas de formação) até ao eclodir da 1ª Grande Guerra e fixaram-se depois especialmente em Espanha. Este exílio não foi impedimento para

que o número de jesuítas portugueses crescesse e, de facto, em 1925 eram 380.

Após 1923, e passado o ímpeto persecutório, começaram a reabrir-se cautelosamente em Portugal algumas residências, como foi o caso da Póvoa de Varzim (em 1923), mais tarde Residência do Sagrado Coração de Jesus, onde se mantiveram até 2017. Em Outubro de 1925, já se pôde abrir em Lisboa uma pequena residência, na rua dos Navegantes, de que foi primeiro Superior o P.e Manuel Tavares Rebimbas. Também em Braga se fundou, em 1925, aquilo a que se chamou na altura “Missão Bracarense” e que se tornou em 1930 a Residência de Braga; no Porto, em 1927, abre a Residência do Porto; em Lisboa, em 1928, o que se chamou a *Statio Beati Bellarmini*, ou seja, o primeiro núcleo da casa de escritores e sede da redação da revista *Brotéria*, tendo como director o P.e Joaquim Silva Tavares; e, em 1929, a Residência da Covilhã. O Colégio de La Guardia passa para as Caldas da Saúde, Santo Tirso, em 1932. Apenas nesse ano reabrem as casas de formação, transferidas de Oya e S. Martinho de Trevejo, para Alpendurada e depois para o convento da Costa, em Guimarães. Finalmente a 10 de Outubro de 1934 se pôde trasladar a Cúria Provincial, do Porto para Lisboa. Nesse mesmo ano se inauguraria em Lisboa a monumental estátua do Marquês de Pombal. A coincidência de datas deu origem à famosa frase que alguém terá escrito no sopé da estátua “Desce daí, ó Marquês, que eles já cá estão outra vez!”...

A casa provincial que se trasladara, de início, para Exaten (Holanda), depois em 1911 para Alseberg (Bélgica), e de seguida, em 1914, para Tuy, regressa ao Porto, apenas em 1932 e a Lisboa em 1934, para o nº 111 da rua da Lapa, em Lisboa, onde se conservará até 1985, ano em que se muda para a Estrada da Torre, no Lumiar.

O antigo Colégio de Campolide, continua com um novo nome de Instituto Nun'Alvres (INA), que tomou na Bélgica, em Jette-Saint Pierre, para onde se transferiu após a expulsão republicana, ao começarem as aulas, a 7 de Novembro de 1912, com um total de 200 alunos. Por causa da guerra de 1914-1918, instala-se em Espanha, em Los Placeres, com a abertura das aulas a 3 de Novembro de 1914 e quatro anos depois, estabelece-se em La Guardia, com o início das aulas a 11 de Outubro de 1916. Com a proclamação da República em Espanha e com o início guerra civil, a 6 de fevereiro de 1932 organiza-se a transferência para o Hotel das Termas das Caldas da Saúde (S.to Tirso). O Colégio das Caldinhas, ou Instituto Nun'Alvres desde cedo deu continuidade às atividades científicas desenvolvidas nos antigos colégio de S. Fiel e Campolide. Desde 1 de Maio de 1932, sob a orientação científica do P.e Alphonse Luisier, funciona até hoje uma Estação Meteorológica no INA. O INA orgulha-se de possuir uma das mais completas colecções de musgos do país. São dignas de assinalar as colecções dos vários museus: *Colecção de Musgos* (repartida em três sectores: *Bryotheca Europaeae*, *Bryotheca Atlantica* e *Bryotheca Exotica*), *Colecção de Hepáticas*, *Colecção de Líquenes*, *Colecção de Borboletas e outros Insectos*, *Colecção de Conchase* e *Colecção de Ninhos e Ovos*.

A revista *Brotéria*, fundada em 1902, como revista de Ciências Naturais, no Colégio de S. Fiel, desdobra-se a partir de 1907 em três séries distintas: a de *Vulgarização Científica*, a de *Botânica* e a de *Zoologia*. Em 1925, a *Brotéria* sofre uma remodelação, sendo criada uma série cultural primeiramente intitulada *Fé-Ciência-Letras*, que vai ganhar expressão e grande influência social a partir de 1932. Ainda importa destacar a metamorfose da série científica da revista em 1980, assumindo o título de *Brotéria Genética*, sob a direcção de Luís Archer, que se publicará até

2002, ano em que foi extinta por decisão do seu diretor. A secção cultural continua a publicar-se até aos dias de hoje.

A Casa de Escritores fundada em fins de 1913 em Alseberg, na Bélgica, passa para a Villa Paula, em Marin, Pontevedra, em 7 de dezembro de 1914, após o eclodir da 1º guerra mundial, e depois para o Sanatório de Santa Teresa (Pontevedra), em Setembro de 1915. Vindo este a ser vendido a 30 de Abril de 1920, muda-se a casa para a Quinta Micaela, junto à cidade de Pontevedra, na *Calle Peregrina*, onde esteve até 1928, tendo como último superior o Padre Alexandre Castelo.

A saída efetuou-se a 30 de novembro de 1928, e na véspera o Diário de Pontevedra noticiava que «os cultíssimos PP. Jesuítas portugueses que tinham estabelecido na nossa cidade uma residência, cumprindo ordens superiores da Companhia vêm-se obrigados a deixar Pontevedra. A necessidade dos seus serviços noutras residências de Portugal motiva a supressão da de Pontevedra. Os Padres que nela estão passam a fazer parte de outros estabelecimentos da Companhia. Quando houve a primeira notícia da retirada, as autoridades e pessoas distintas desta capital fizeram telegraficamente o pedido que se deixasse sem efeito este propósito, mas não foi possível satisfazê-lo. Os PP. Jesuítas tinham estabelecido aqui a sua residência em 1914. Dedicados quasi completamente ao estudo, tinham-se feito credores do máximo respeito, granjeando ao mesmo tempo muitíssimas amizades” A noticia dá ainda conta de que a redação do jornal fora visitada pelo superior da residência que solicitara ao jornal que manifestasse o seu reconhecimento às autoridades e ao povo “pela grande benevolência e atenção que sempre lhes dispensaram»³.

³ *Ecos da Província de Portugal*, Outubro de 1928.

Apos ter sido interrompida a publicação da *Brotéria* em 1911, a revista veio a ser de novo publicada em três séries em janeiro de 1912, a partir do Brasil. A redação da *Brotéria* achava-se desde 1919 no Colégio de La Guardia.

Amainando a perseguição religiosa, alguns jesuítas tinham começado a vir a Lisboa, para ministérios apostólicos e para consultar os arquivos das nossas bibliotecas, hospedando-se em casa de pessoas amigas. Assim, segundo o *Arquivo da Província Portuguesa*, os jesuítas que se deslocavam a Lisboa eram recebidos pela família de D. Emília de Almeida, na Calçada dos Mestres, em Campolide. Nela habitaram largas temporadas os P.es Francisco Rodrigues, Georg Schurhammer e Luís Gonzaga de Azevedo, para começarem os seus trabalhos de investigação histórica.

Quando, em novembro de 1928, se fechou a Casa de Escritores de Pontevedra (Espanha), logo se pensou em reabri-la em Lisboa, por ali se encontrarem as principais bibliotecas, arquivos e outras instituições culturais. De facto, a 17 de Outubro de 1928, abriu-se a nova casa num segundo andar de um grande prédio situado na R. Braamcamp, nº 40 ⁴. A esta casa se deu o nome de “Missão de Lisboa” e assumirá o nome de Casa de Escritores apenas em 1931.

O primeiro superior da nova Casa de Escritores, agora especialmente dedicada à redação da revista *Brotéria*, foi o P. Joaquim da Silva Tavares. Como esta casa era pouco apropriada, especialmente por ser pequena e menos sossegada, logo se teve de procurar outra. Optou-se por uma moradia, com um pequeno

⁴ Se a numeração de polícia não mudou trata-se do edifício de gaveto, projetado em 1921 pelo arquiteto Norte Júnior e que hoje é conhecido por edifício Heron Castilho, e recentemente foi alvo de polémica por ter sido residência do ex-primeiro ministro José Sócrates.

jardim, na R. Maestro António Taborda, nº 14, que se pôde comprar com o auxílio de algumas pessoas amigas e para aqui se trasladou a Casa de Escritores em setembro de 1930.

A história da instalação da Casa de Escritores e da redação da revista na rua Maestro António Taborda, à Pampulha, onde se encontra desde 1930 é deveras curiosa. As precauções que tomavam ainda no tempo da monarquia para manterem a propriedade dos seus edifícios, revelam toda a dificuldade que a Companhia tinha já desde o tempo do final da monarquia em possuir propriedade imobiliárias, pelo que por precaução mantinham a propriedade dos edifícios dos colégios de Campolide e S. Fiel no nome de jesuítas estrangeiros, nomeadamente ingleses e brasileiros, para os colocarem ao abrigo da diplomacia internacional. Tal estratégia será igualmente utilizada no regresso dos jesuítas a Portugal e na aquisição da casa de escritores e de redação da revista Brotéria,

A 20 de Fevereiro de 1918, a *Empresa de Terrenos do Novo Bairro da Lapa*, pertencente à firma *Vicente, Valhinhos & Lena*⁵ comprou à firma *Lima Mayer e Companhia* a Quinta da Belavista, situada na Calçada da Pampulha. A 6 de Dezembro de 1919, os construtores civis, Manuel Ferreira e sua mulher Maria do Rosário Ferreira, adquirem um terreno à *Empresa de Terrenos do Novo Bairro da Lapa*. A 24 de Março de 1923, a casa já se achava concluída e é adquirida aos construtores por D. Maria de Sande Mexia Salema Ayres de Campos, divorciada, moradora na rua Gomes Freire, 219, em Lisboa, com procuração a seu genro Diogo Barata de Tovar Pereira Coutinho Furtado de Melo, casado,

⁵ Dela eram sócios: Clemente Vicente, morador na rua Ribeiro Sanches, Manuel José Valhinhos Junior, morador na mesma rua e D. Luigi Lena, morador na rua de S. Caetano.

morador na Quinta de Belide, concelho de Condeixa e acidentalmente em Lisboa.

Mas logo a 4 de Abril de 1924, a casa muda novamente de proprietário e é adquirida pelo negociante da baixa de Lisboa, Júlio de Carvalho Furstenau e sua mulher D. Maria Teresa Viana da Costa Furstenau, residente na rua dos Douradores, em Lisboa. Aqui viverão, segundo parece até 1929. A 7 de Junho de 1930, Júlio de Carvalho Furstenau, residente em Quelimane e sua mulher, residente na Avenida Fontes Pereira de Melo, nº 7 com procuração a sua irmã D. Eugénia Viana da Costa, solteira, vende o edifício a José Eugénio Pereira, solteiro, estudante, maior, natural de Queixará, Ceará, Brasil, mas residente na rua de Entre Quintas, 312, no Porto, que se fez representar pelo empregado forense, Fernando Guedes. Nesse mesmo dia José Eugénio Pereira arrenda a casa a Eugénio Jahlay, solteiro, maior, escritor, morador na rua Braamcamp, nº 40, em Lisboa. Trata-se de José Eugénio Pereira, um jovem escolástico jesuíta brasileiro e de um dos membros da comunidade da Broteria, Eugénio Jahlay que tinha dupla nacionalidade belga e portuguesa. A comunidade da casa de escritores S. Roberto Belarmino mudará da rua Braamcamp para este edifício em setembro desse ano.

José Eugénio Pereira, nascido a 6 de outubro de 1907, em Quixará, Ceará, Brasil, ingressou na Companhia de Jesus a 23 de março de 1928, no noviciado de Oya e entre 1930 e 1933 morava na rua de Entre Quintas, nº 319, no Porto, onde estudava. A 23 de janeiro de 1933, fez testamento em que “pela força da sua quota disponível” deixava a António Borges da Silva, nascido a 13 de junho de 1905, em Fortaleza, Brasil o prédio que possuía na rua Maestro António Taborda, nº 12 a 14, bordejando com a rua Santos Pinto, nº 5, na freguesia de Santos o Velho, sendo testamentário o Senhor Cândido Azevedo Mendes. O herdeiro

era outro jovem escolástico jesuíta brasileiro, que ingressara na Companhia de Jesus em Oya a 28 de agosto de 1927 e em 1941 se achava no 4º ano de Teologia no Rio Grande do Sul.

A *Constituição da República Portuguesa* de 1933, aboliu as leis de exceção por motivos religiosos, e estavam criadas as condições para se mudar a cúria para Lisboa, como já aludimos. Será, no entanto, apenas o decreto de 12 de maio de 1941 que reconhece a Companhia de Jesus como corporação missionária, que se veio normalizar a situação jurídica dos jesuítas em Portugal até aos nossos dias.

Só em 18 de junho de 1941, após esse decreto de legalização dos jesuítas reconhecidos como corporação missionária, é que finalmente o Padre Raúl Sarreira, como representante da Companhia de Jesus adquire a José Eugénio Pereira, estudante de teologia na cidade de Baturité, no Brasil, por procuração ao Padre Domingos Maurício Gomes dos Santos, a casa da rua Maestro António Taborda.

Como o edifício se foi tornando demasiado pequeno, construiu-se numa parte do jardim uma nova dependência que veio a ser inaugurada a 31 de Maio de 1955. Nesta casa, viveram e trabalharam figuras importantes das Letras portuguesas, nomeadamente os padres Serafim Leite, Francisco Rodrigues, Domingos Maurício, Mário Martins e Manuel Antunes.

Após a morte do P. Joaquim da Silva Tavares em 1931, em Madrid, diretor das três revistas que fundara em 1902, a direção passou a estar entregue a distintos jesuítas. A série científica (Botânica e Zoologia) da revista Brotéria, foi sucessivamente dirigida até á sua extinção em 2002 por Afonso Luisier (1931-1957), José Carvalhais (1958-1961) e Luís Archer (1961-2002). A série cultural (iniciada em 1925) após a morte de Joaquim Silva

Tavares em 1931, foi sucessivamente dirigida por Paulo Durão (1931-1934), Mariano Pinho (1934-1936), Domingos Maurício (1936-1950), António Leite (1950-1954) e (1959-1964), Manuel Antunes (1965-1972) e (1975-1982), António da Silva (1983-1993,; Luís Archer (1993-2000); Hermínio Rico (2000-2008); António Vaz Pinto (2008-2016) e António Júlio Trigueiros (2017).

A Comunidade da Casa de Escritores conta atualmente com nove jesuítas. A Paróquia de S. Francisco de Paula, onde se localiza esteve entregue à Companhia de Jesus, por cerca de 40 anos. A biblioteca da Brotéria, aberta ao público a partir de 1995, conta no seu acervo com cerca de 170.000 monografias e mais de 200 publicações periódicas. É particularmente valiosa no campo da Teologia, Filosofia, Literatura e História, com destaque para a história da Companhia de Jesus e possui um rico espólio de livro antigo, com um notável fundo de livros científicos e filosóficos.

Em 2011 foi assinado um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa que prevê a entrega de um edifício recuperado, na rua de S. Pedro de Alcântara, nº 1, que será a nova sede da Brotéria, e da sua preciosa biblioteca. Os jesuítas portugueses planeiam ali instalar um Centro Cultural no ano de 2018, ano em que se assinala o centenário do nascimento do P. Manuel Antunes, esse homem profundamente erudito que foi sem sombra de dúvida o mais ilustre diretor da revista.

Rasgam-se assim novos horizontes para esta instituição que nascida no seio do colégio de S. Fiel, tomando novas formas e adaptando a sua vocação às exigências do tempo presente, procura marcar uma presença do pensamento cristão num mundo plural e secularizado. Este desafio inscreve-se na aproximação da proposta cristã a uma realidade profundamente

marcada por divisões políticas, religiosas e éticas, de que as novas formas de pobreza e exclusão, os extremismos religiosos, a violência, os desequilíbrios ecológicos, a desagregação da família e a ausência de horizontes na juventude são um claro sinal.

A presente obra reúne um relevante conjunto de textos que remetem para os primórdios da fundação do Colégio de S. Fiel e do ensino dos jesuítas na Beira Baixa. Se por um lado lamentamos o recente desaparecimento do edifício que foi palco de toda esta laboriosa atividade, estes textos dão-nos a consolação do testemunho de que todo esse trabalho se perpetuou de muitos modos e teve continuidade seja nas sucessivas instituições de ensino que os jesuítas portugueses lideraram até aos nossos dias, seja na continuidade da publicação periódica que viu a luz do dia entre os seus muros. Perdem-se os anéis, ficam os dedos...

Novembro de 2017

António Júlio Limpo Trigueiros, sj

(diretor da Revista Brotéria)